

Presidente explica: Não quer liderar negociações

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney poderá assumir a liderança da discussão da dívida externa na América Latina, mas não a reivindicar. Esse ponto de vista não se choca, segundo o Secretário de Imprensa, Fernando César Mesquita, com a posição oficial do Governo de apoiar o chamado Grupo de Cartagena, integrado por 11 países Latino-Americanos, cujo objetivo é um debate conjunto do problema da dívida externa.

A posição brasileira não significa apoio à criação de um cartel de devedores, ou negociação em bloco, já que no entender do Governo a discussão e a troca de informações, dentro do foro de Cartagena, não implica abandonar o sistema bilateral de negociação, entre cada país e seus credores.

O Palácio do Planalto esclareceu que, em audiência anteontem com Sarney, o Deputado João Hermann (PMDB-SP) defendeu o ponto de vista de que o Brasil, como maior devedor latino-americano, deveria assumir a liderança da discussão da dívida no continente. Em resposta, o Presidente ad-

mitiu a possibilidade de adotar essa posição, embora não a reivindicue.

O Presidente frisou, também, que o Brasil não deseja assumir posições hegemônicas na América Latina e não pretende que prevaleçam seus pontos de vista sobre a questão da dívida, embora admita que sua forma de negociar possa influenciar os vizinhos. O Brasil, segundo Mesquita, não quer ser líder do continente.

A Assessoria presidencial confirmou a declaração atribuída por Hermann a Sarney, segundo a qual ele não está preocupado com o fato de em 31 de agosto terminar o prazo para a renovação das linhas de crédito dos bancos internacionais aos bancos brasileiros. Um assessor do Planalto comentou que, a exemplo de ocasiões anteriores, não haverá dificuldades para a prorrogação desse prazo.

— Não tenho medo, o prazo é deles — frase atribuída a Sarney por Hermann, referindo-se aos credores — foi confirmada pelo Secretário de Imprensa.